



A PASTORINHA

(Cliché do distinto amador sr. Antonio Teixeira, da Regua).

II SERIE—N.º 643

ASSINATURAS:—Portugal, Colonias portuguezas e Espanha: Trimestre, 1\$90 ctv.
Semestre, 3\$75 ctv.—Ano, 7\$30 ctv.

Numero avulso, 15 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal

O SECULO

Lisboa, 17 de Junho de 1918

Director—*J. J. da Silva Graça*
Propriedade de *J. J. da Silva Graça, Ltd.*
Editor—*José Joubert Chaves*
Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43—LISBOA

Ao leitor: Depois de lida a "Ilustração Portuguesa", enviá-a á Junta Patriótica do Norte (Paços do Concelho—Porto) para esta a fazer chegar aos nossos soldados do "front"



A ave pode voar com a maior rapidez não havendo perigo porem de perder a caça quando se conta com a distribuição exacta, velocidade e penetração dos cartuchos

"REMINGTON"
Experimente-os

feitos nos calibres 12, 16, 20, 24, 28, 32 (14 m/m) e 36 (410 ou 12 m.m).

Obticia por intermedio dos principaes commerciantes em todas as partes—enviamos catalogo gratis a quem o solicitar.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
Woolworth Building, Nova-York
E. U. A. do N.

REMINGTON
UMC

GENTE EM PORTUGAL: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3—Lisboa

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Seios firmes e desenvolvidos

So htem-se usando as **Pilulas Circadianas** com 25 annos de exito mundial do Dr. Fred Brun. Garante-se o resu tado. E' inofensivo. — Preço 380; pelo correio 380.—**CABELEI-REIRA**. Rua do Norte, 34, 1.º

PÕ DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina.
Muito eficaz contra a
ASTHMA
Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmódicas das vias respiratorias.
35 Anos de Bom Exito. Medalhas Ouros e Prata.
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
6, Rue Dombasle, 6
PARIS
E BOAS PHARMACIAS

DOENTES

A Moderna Terapeutica Magnetica

Com o auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NA TURALS, especificados para cada caso e devidamente individualizados, constitue

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR as oenças de qualquer orgão: estomago, intestinos, fígado, rins, coração, etc., ou vias urinarias, respiratorias e circulatorias; hemorrhoïdal, doenças da nutrição, nervosas, artriticas ou linfaticas, paraliticas ou irritativas **por graves e antigas que sejam**: assim o tenho alfirmado na minha longa pratica no estrangello e presentemente comprovo pelas **curas** que aqui tenho realisado.

Os que sofrem não devem, pois, hesitar, a submeter-se aos meus espezias tratamentos.

FISICO-MAGNETICOS E DIETETICOS

De cujos favoraveis resultados **me responsabilizo**.
Dr. P. I. Colucci, director do consultorio **magnetoterapico**. T. C. João Gonçalves, 20, 2.º E., ao intendente.
Da 1 as 5.

DEPURATOL

Soberano e inconfundivel remedio para o tratamento de todas as impurezas de sangue (sifilis) conhecidissimo e registado em numerosos paizes

Suas vantagens: Ele tira rapidamente as dôres ao doente; traz-lhe logo de começo o apetite, bem estar e socego de espirito; não é purgativo; faz desaparecer por completo as placas, chagas, feridas e os pesadelos e tonturas de cabeça; não altera o sangue; não tem o menor sabor; não exige dieta especial; pode ser tomado pelos organismos mais fracos e alquebrados; pôde ser usado em todas as viagens e passeios; é extremamente portatil, pois vae em pequeninos tubos; substitue com grandes vantagens os tratamentos pelos 006 e 914 e todas as injeccões e fricções mercuriais; não necessita de auxilio de qualquer outro tratamento; ele não tem, n'uma palavra, o minimo inconveniente no seu uso. Aconselhado e preconisado por inumeros medicos e por todos os clientes que o tem usado!

Sifilitico que ainda não tenha manifestações evite-as, tomando já este excelente e inconfundivel remedio.

Cada tubo (para uma semana de tratamento), 1\$25; 6 tubos, 6\$30. Pelo correio, porte gratis para toda a parte.

Depositario geral em Lisboa:—Farmacia J. Nobre, 109, Rocio, 110. A' venda no Porto, na Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44. Em Coimbra, Drogaria Marques, Praça 8 de Maio, 33 e 36. Em Braga, Farmacia dos Ortaos, Praça Municipal. Em Evora, Drogaria Martins & Mata, R. João Deus 64. Em Setubal, antiga Casa Supardo. Em Tomar, Farmacia João Torres Pinheiro & C.^a. Na Figueira da Foz, Farmacia Sotero.

A' venda no Funchal, Farmacia Luso-Britanica, R. dos Netos, 64. Em Loanda, Farmacia Dantas, Valadas & C.^a, e em todas as boas farmacias e drogarias.

Reconstituente

Alimento Phosphatado

BANANINE MIALHE

Creanças, Convalescentes, Tratamento das enterites

8, Rue Favart, Paris

Colares "Viuva Gomes"

— A MAIS VELHA MARCA DE VINHOS DE COLARES

Unica premiada com "GRAND PRIX"

SUCURSAL EM LISBOA:

Rua Nova da Trindade, 90

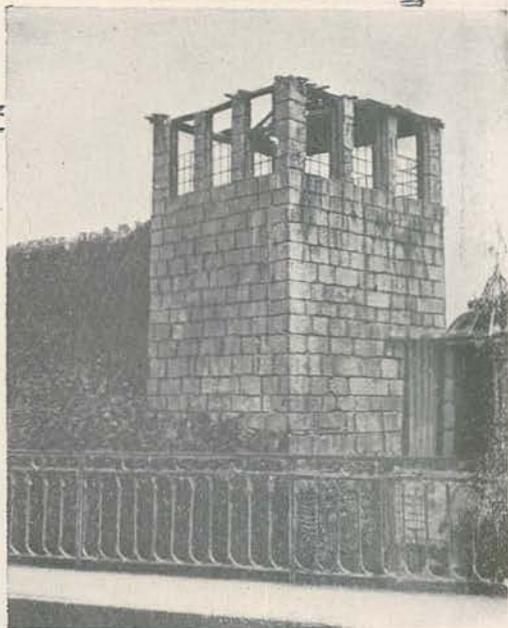
Telefone 1644

SÉDE

Colares-Almoçageme

OS VELHOS MUROS DO PORTO

PERGUEM-SE ainda, por alguns escuros cantos da cidade invicta, escapados por acaso á mão destruidora da civilisação, mas quasi já entaipados entre construções, a cuja arquitetura e estética era bem preferivel a vetustez das suas cortinas abaluartadas



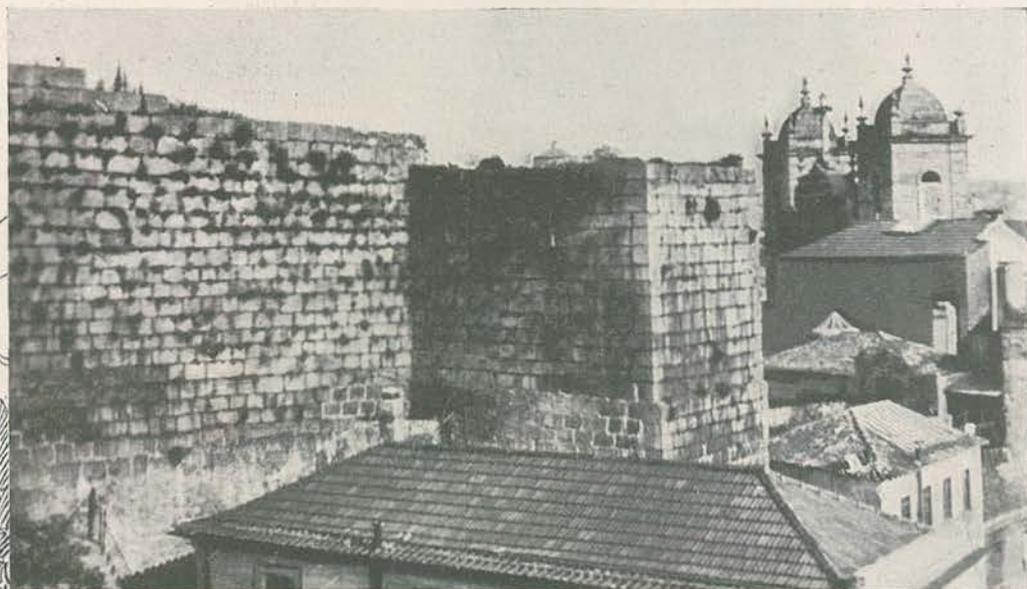
A derradeira torre sobre o Douro, já transformada em mirante das freiras de Santa Clara.



Outra torre transformada em mirante pelas freiras; junto a esta torre ficava a porta do Sol.

negras de muitos séculos, alguns fragmentos das antigas fortificações do Porto, a que ninguém liga nem recordações, nem importancia e a cujo estudo chamam os altos espiritos modernos vélharias boas para quem não tem que fazer.

Ha muito já que procuro reunir em documentos fotograficos, que possam ser um dia lição e auxilio aos que a taes estudos a fundo se dedicam, o que d'elas resta e, para que os documentos que colhi se não percam, á *Ilustração Portuguesa* incumbo o seu arquivo nas suas paginas, pois alguns são de véras curiosos e pitorescos.



Aspéto da muralha da Esperança. Um pouco abaixo do saliente ficava a porta das Virtudes.



Um trecho interior da muralha em frente do Douro. Nota-se ainda uma seteira sob uma das ameias.

As fortificações do Porto datam de tres ou quatro épocas distintas, sendo a mais antiga atribuida ao periodo de dominação dos suévos, aí pelo seculo V da era cristã.

A esses remotos muros diz a tradição que pertence ainda o muro exterior de uma casa miseravel da rua das Aldas, á Pena Ventosa, muro que tem de facto a apparencia de um saliente de fortificações e cuja forma de construção, grandes blocos de pedra solta, indica o sistema usado n'essa afastada época.

Mais tarde, aí por 980, o célebre D. Hugo, Bispo de Vandôma, e depois o conde D. Hermengildo, restauraram algumas cortinas da antiga muralha, fechando-a novamente, mas com outra topografia.

O famoso arco de Vandôma, demolido ha umas dezenas d'anos apenas, em 1855, pertencia a essa muralha, existindo d'ela apenas mais dois fragmentos, um junto ao aljube velho, outro, restos do arco de Santana, demolido em 1821.

Da ultima fase das antigas fortificações do Porto, a muralha de D. Fernando, construida aí por 1370, restam dois lanços em relativo estado de conservação, mas tão abafados já por construções adja-

centes, que um deles já mal pode vêr-se, o da Esperanca, e outro, o dos Guindaes, ainda magestosamente sobranceiro ao Douro, tem sido votado ao maior abandono, crescendo-lhe por toda a parte a erva, faltando-lhe muitos merlões da cortina ameaçada, onde ainda se erguem tres torres, uma das quaes serve de galinheiro ás empregadas do dispensario anti-tuberculoso. . .

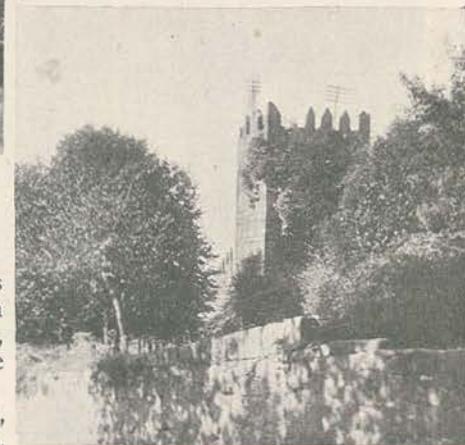
D'esses fragmentos, testemunhos vivos de um passado de glorias, aí fica o que de mais curioso e interessante para a historia do velho burgo do Porto, pude colher, em pacientes passeios por quintas e trapeiras, para que se não perdesse de todo a lição proveitosa que ainda constituem esses muros, a que estão ligados tantos factos notaveis da Historia do Porto, tantas e tão belas tradições e até lendas, uma das quaes pretende que as primeiras muralhas devem datar de mais de tres mil anos, segundo diz na sua *Anachresis*, o Padre Manuel de Novaes.



A parte ameada da muralha de Santa Clara, nos Guindaes.

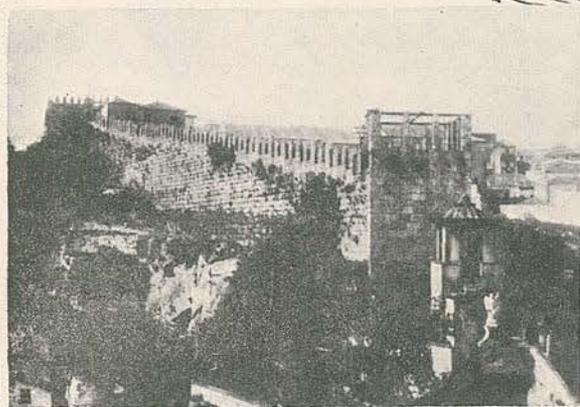


A torre ameada vista da muralha.

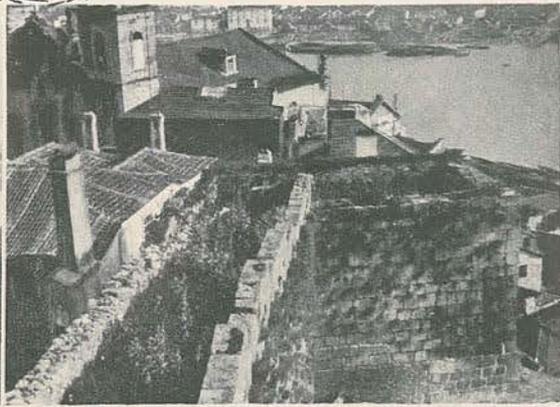


Uma torre ameada na cortina dos Guindaes. E' a unica que resta completa.



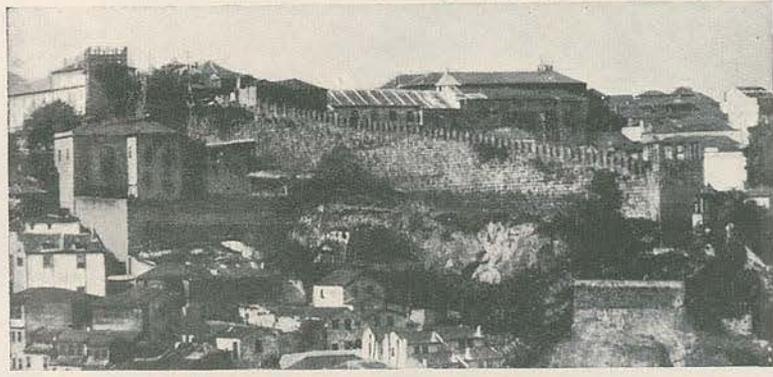


A cortina dos Guindaes, vista da ponte D. Luiz.



O lanço da muralha da Esperança, sobre o Douro.

Arnaldo Gama, um dos nossos mais notáveis escritores históricos, faz figurar as muralhas do Porto no seu magnifico romance—*Um motim ha cem anos*,—cuja topografia

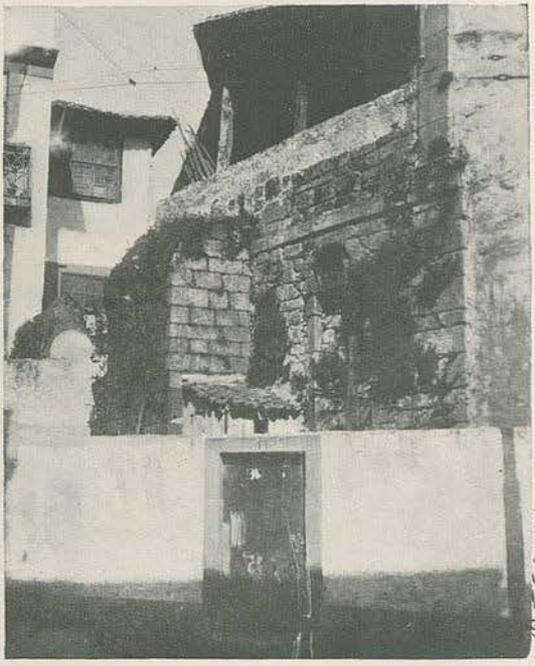


O lanço da muralha dos Guindaes com as tres torres que ainda existem, visto do Douro.

carinho esse monumento das passadas grandezas da Cidade da Virgem, porque se não hão de conservar cuidadosamente, agora, os poucos fragmentos que d'ele



O ultimo sa'iente da muralha sueva



O que resta do arco de Van10ma

(«Clichés» do autor).

colheu na — *Descrição da Cidade do Porto*, — do Padre Agostinho Rebelo.

nos restam ?
Porto, Junho de 1918.

Quando tão eminentes homens trataram com

UMBERTO BEÇA.

AS NOSSAS TROPAS EM FRANÇA



O governo não cessa de prestar a sua atenção e de dispensar os seus melhores esforços á reorganisação do nosso corpo expedicionario que sobre o solo francez soube, pela mais eloquente das formas, elevar o prestigio do nosso paiz. A imprensa aliada, e notoriamente a britanica, referindo-se a este facto, recorda a maneira brilhante como os nossos briosos soldados manifestaram o seu incedivel heroismo, arrostando febrilmente com as rudes investidas



1. Tenente-coronel do estado maior de cavalaria, sr. D. José de Serpa Pimontel, chefe do estado maior da 1.ª divisão d' C. E. P., que foi ultimamente agraciado por sr Douglas Haig com o "Distinguished Service Order", uma das mais elevadas condecorações britannicas.—2. Portuguezes n' um prelio que a artilharia alemã acabou de destruir.—3. Aspêto das nossas antigas linhas.

do inimigo, que—como afirmam, as noticias de alguns prisioneiros portuguezes—já não amesquinha o concurso de Portugal, antes lhe reconhece justificado valor.



4. Sr. José Vale d' Andrade, promovido a major por distincção.—5. Sr. Anibal Francisco Goncalves de Azebeito, promovido a capitão por distincção e condecorado com a medalha de 2.ª classe da Cruz de Guerra.—6. Sr. José de Melo e Moura, alferes, agraciado com a medalha de 3.ª classe da Cruz de Guerra.—7. Sr. Gustavo Augusto Pires Figueiredo, tenente de infantaria—15, desaparecido.



João Cardoso de Oliveira, 2.º sargento de artilharia 1 antigo empregado do Seculo, prisioneiro dos alemães,



Alfredo Cardoso da Silva, 2.º sargento mecanico d'avição.



João Guerreiro, 2.º sargento de artilharia 1, prisioneiro dos alemães.



João Rodrigues Malta, 2.º sargento de artilharia pesada.



Adriano Queiroz, 2.º sargento «chauffeur».



Antonio Borges Rogado, 2.º sargento de infantaria.



Grupo de 2.º sargentos do C. A. P.



Antonio Eduardo Costa, 2.º sargento artifice.



1. Sargentos d'uma secção de telegrafia sem fios. Da esquerda para a direita, sentado : F. R. Martins, S. S. P. do Lago e D. L. de Sousa. De pé: Carlos d'Almeida, A. A. Lopes Junior, M. G. Pereira, J. L. Ferreira e B. Rodrigues.—2. Sargentos d'uma bataria de morteiros pesados. Da esquerda para a direita, sentado: Alberto dos Santos Pato, Fernando Duque Adão e Amandio Pires Rocha. De pé: Ramiro dos Santos, Augusto Mendes Bragança e Daniel José de Oliveira.



1. Grupo de soldados. Da esquerda para a direita, no 1.º plano: João D. Pedro, João Rodrigues, Manuel P. Pinto, Joaquim F. do Rocio e Joaquim P. d'Agostinho; no 2.º plano: Joaquim Ferreirinho, Agostinho Fe reirinho, José do Vale, João Pedro, Joaquim Pedro e Manuel P. dos Santos; no 3.º plano: João Santos, Manuel Firme, José P. Gaspar, Joaquim D. Frade, António e Manuel P. Gaspar.—2. Musicos portugueses confraternizando com camaradas da Nova Zelândia: 1.º plano, da esquerda para a direita: Fred Ensom, Bento Marinho, Nelleiton Vest Coast; 2.º



plano: Alberto Emiliano, N. Coast e Paulo José Alves - 3. Soldados de infantaria. Da esquerda para a direita, sentados: Hipólito Dias Fernandes e António dos Santos. De pé: António Ribeiro da Silva e António Alves.—4. Grupo de 1.ª cabos de uma formação de engenharia.



Grupo de soldados da secção de telegrafistas da 2.ª brigada de infantaria

A canhoneira "Quanza"



1. A tribuna dos convidados, vendo-se entre outros os srs. coronel Tomas Birch, ministro da America, governador civil de Lisboa e adidos militares hespanhol e americano.—2. O sr. presidente da Republica discursando.

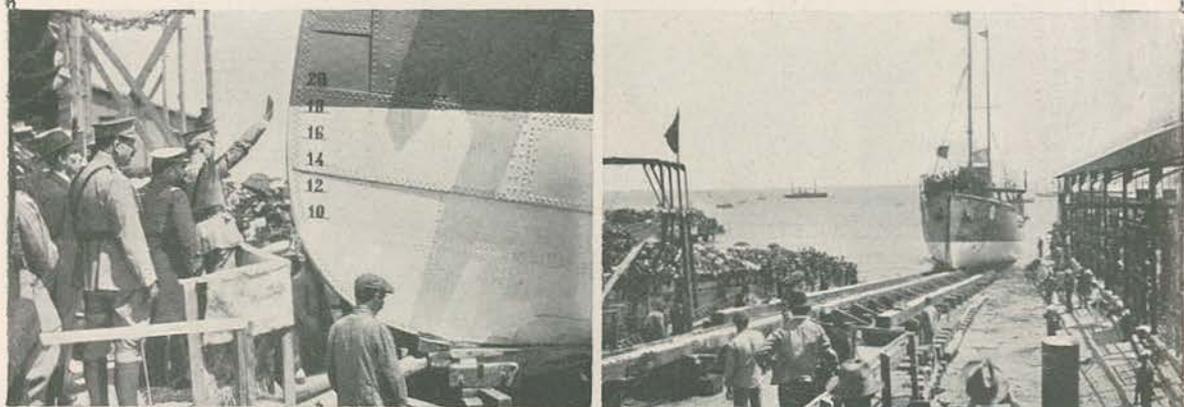
SOB a presidencia do illustre chefe do Estado, que tomou lugar n'uma tribuna engalanada com bandeiras nacionaes, tendo a rodeal-o os secretarios de Estado da marinha, da guerra e dos estrangeiros, corpo diplomatico, missões ingleza e americana, adidos militares estrangeiros, governador civil, comandante da guarnição de Lisboa e major general da armada, realisou-se a cerimonia solene do lançamento ao Tejo da canhoneira «Quanza», cuja construção, dirigida pelo distintissimo construtor sr. Vaz de Carvalho, actual diretor das construções navaes, honra devéras o inteligente engenheiro naval e avoluma sobremaneira os creditos do nosso Arsenal de Marinha.

A «Quanza», que começou a ser construida ha pouco mais de ano e meio, mede 47 metros de comprimento e desloca 450 toneladas.

A manobra do arrancamento das escoras foi dirigida pelo distinto engenheiro naval sr. Francisco de Sequeira, e, depois de lança-

das por terra e quebrada a cavilha que segurava o barco, este, donairoso, elegante, seguindo com a maior presteza por sobre a carreira, foi mergulhar no rio, levantando deante da sua pôpa uma cachoeira de espuma. Como de costume, foi o sr. presidente da Republica quem, erguendo a mão direita e assentando-a na prôa do navio, simulou tel-o empurrado para a agua.

A festa, que revestiu grande imponencia, assistiram inumeras pessoas, officaes da armada e do exercito e grande numero de senhoras, que deram ao conjunto uma nota interessante e de grande destaque. No momento do lançamento foi o sr. presidente da Republica alvo d'uma espontanea e delirante manifestação, depois do que proferiu um brilhante discurso, em que afirmou quanto se acha empenhado em contribuir, com eficacia, para o engrandecimento da marinha de guerra portugueza, cujas gloriosas tradições são o maior orgulho da nossa nacionalidade.

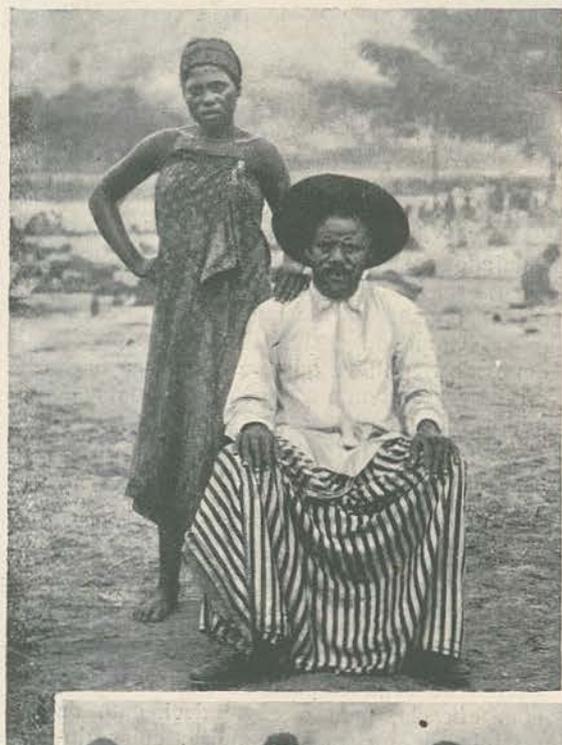


3. O sr. dr. Sidonio Paes empurrando a canhoneira.—4. A «Quanza» entrando no Tejo.

(«Clichés» Benoliel).

EM AFRICA

AS rivalidades entre as tribus das nossas provincias ultramarinas tem servido excelentemente para a efectivação do nosso dominio em Africa. Este processo de submeter uma região rebelde com o



No quartel da bataria d'artilharia em Loanda.—Auxiliares da região do Andulo (Bailundo) com o respetivo soba (sentado ao canto), que vão tomar parte nas operações do Libôlo.

auxilio de uma outra já submissa, entre as quaes, existam inimizadas que as tornem irreconciliáveis, evita, não só, grandes despezas com a organização de expedições militares da metropole ou com a concentração das diminutas e depauperadas tropas colonias, que abandonando, assim, outras regiões, aparentemente submetidas, proporciona novas revoltas, como poupa a vida e a saude dos soldados europeus e, enraizando as desinteligencias entre os povos, dificulta o seu entendimento para uma maior colisão. As fotografias que illustram esta pagina referem-se a auxiliares da região do Andulo (Bailundo), que em numero de 2000, voluntariamente, se ofereceram para, com o seu soba, cooperarem na submissão do gentio do Libôlo, já ha muito em rebelião.



2. O soba do Andulo e sua mulher.—3. O soba do Andulo, com sua mulher e alguns dos seus séculos.

(Fotografias oferecidas á Ilustração Portuguesa pelo sr. José Francisco Paleta, 1.º sargento d'infantaria).



Aug. Maillard (A. F.)—O general Foch.

minho de Paris. Ao contrario do que supõe, ou finge supor para uso dos seus leitores ingenuos, a *Gazeta de Frankfurt*,—a estatua de Strasburg, continua na Praça da Concordia. Nenhuma bomba, nenhum obuz a demoliu. E, ao contrario, geralmente, do que pretendem outras conspicuas folhas d'além-Rheno, ainda ha alguma gente de fortuna em Paris. Não eram mendigos os que outro dia, na Galeria Georges Petit, fizeram subir a vertiginosas alturas os preços dos quadros do espolio de Dégas. Nem o são tampouco os que

PARECE que sempre é certo que os artilheiros francezes demoliram o canhão monstro. Ha muitos dias que ele não dispara. Mas, com o bom tempo e as noites de luar, voltam os Gothas. Os alarmes sucedem-se. Não se dorme em paz. Os tiros de barragem, eficazes, teem, contudo, vedado ao inimigo o ca-



G. Chauvel (A. F.)—O general Mangin.

desde ha duas semanas visitam, em tão grande numero, o *Salon*.

N'esse *Salon*, que se realiza no Petit Palais, expõem os melhores artistas da Sociedade dos Artistas Francezes e da Sociedade Nacional das Belas-Artes. E' o primeiro certamen d'esse genero que se realiza em Paris depois do começo das hostilidades. O produto das entradas é inteiramente destinado a obras de beneficencia relacionadas com a guerra.



Cartaz da exposição da Sociedade dos Artistas Francezes em 1918.

Se V. Ex.^a, minha senhora, me perguntar se n'essa exposição ha obras-primas, hesitarei um



Paul Hellen—Retrato de madame de T.



Emille Friant—Os «poilus»



pouco em responder-lhe. Porque se eu lhe dissesse que não, desgostaria talvez alguns d'esses simpaticos artistas que, abrindo a exposição dos quadros que figurau u'estes atribulados tempos, deram prova d'uma *tendue* moral que é muito para louvar. Sob os obuzes, sob os Gothas, Paris teve o seu *Salon* d'arte; os pintores fizeram os seus quadros, os escultores as suas estatuas, e o publico acorreu em grande numero para vêr esses trabalhos.



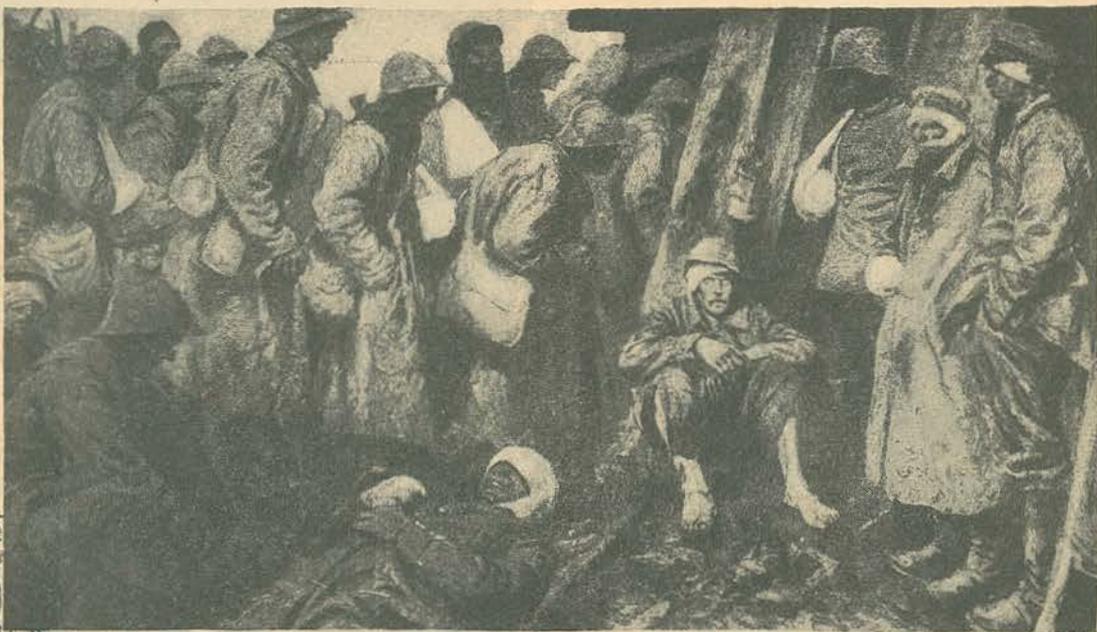
E' isso que é preciso que se repita amanhã quando se escreva a historia da França e especialmente da sua capital n'esta época de tão calamitosas provações. Por uma vez, pois, abstenhamo-nos de fazer critica. O simples factu de terem pintado, absolveria d'esta feita os artistas do peccado de terem pintado mal.

Permita-me, minha senhora, que lhe beije respeitosamente as mãos.

Paris, Maio.

Paulo Osorio.

- 1.—*Michél Cazin*—Recordando
 2.—*J. A. Muenier*—As cartas
 3.—*Joseph Aubert*—Retrato do abade Wetterlé



Georges Scott—Posto de socorros—Côte du Poivre-Verdun (Dezembro 1916)

O NOVO LIVRO DE JÚLIO DANTAS

ÊLES E ELAS



Sonor Michaelis

ANA PEREGRINA

ca que tão distinta, tão inconfundível, torna a crítica de Julio Dantas.

Eles e elas é um livro que honra uma literatura. E a quantos amam a nossa impende o dever de o ler, para se indemnizarem do muito tempo que perderam a ler outros e para poderem afirmar com orgulho que em Portugal ainda temos quem saiba escrever, no sentido mais puro e nobilitante do termo.

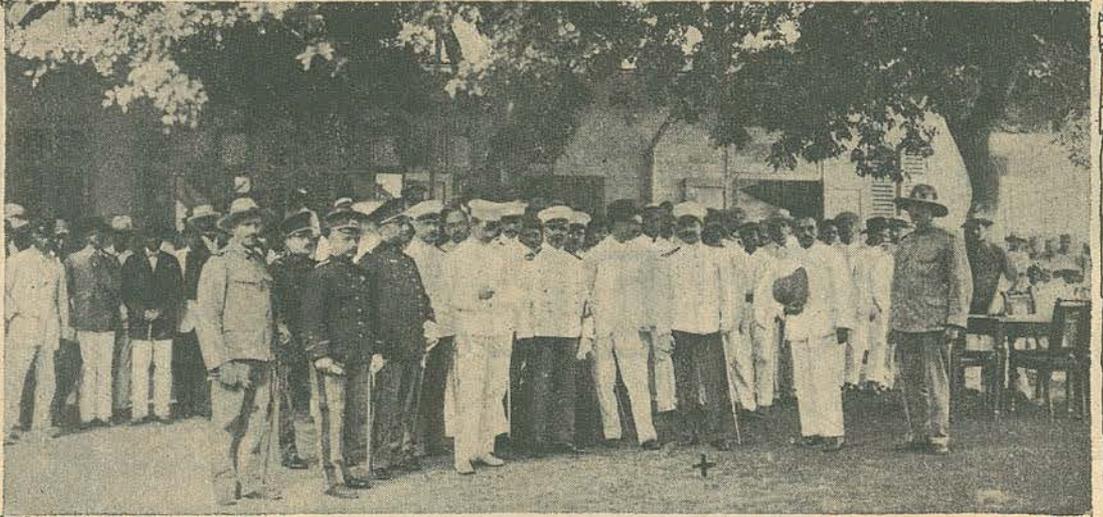
Eles e elas!
Será raro encontrar um título tão expressivamente apropriado a um livro, como livro de tão belos labores artísticos e literários, de erudição tão despretençiosa, de observação tão fina e justa, um livro tão adoravelmente português, como o novo trabalho do sr. dr. Julio Dantas.

Não ha virtude de mulher e de homem, que não tenha n'ele um relevo quente e exemplificativo, comovendo muitas vezes até ás lagrimas; mas tambem não ha defeito na nossa pobre especie que o grande escritor não faça perpassar deante dos nossos olhos maravilhados, com essa deliciosa pontinha de malicia áti-



o Sarambeque

Corpo de policia de S. Tomé



1. Grupo de officiaes do corpo de policia de S. Tomé que, com o governador interino, o capitão d'infantaria sr. Rafael dos Santos +, assis em á cerimonia da ratificação do juramento prestado pelos recrutados d'aquelle corpo.—2. Grupo de convidados para um chá em casa do major sr. Gabriel da Silva, co-

mandante do corpo de policia. Da esquerda para a direita, sentados: Sr. D. Guilhermina Hinton Ribeiro, D. Beatriz Leitão, D. Manola Ramos, menina Edith Silva, tenente sr. Spinola de Melo, menina Maria Leitão e tenente sr. Candelas.—De pé: tenente sr. Ferreira do Amaral, sr. D. Viana Leitão, major sr. Gabriel da Silva, sr. D. Adelaide Leitão e o tenente sr. Celestino da Costa.



do-se em extremo, na sua reforma, conseguiram elevar o seu prestigio á altura da civilica missão que lhe está conferida, merecendo os justos elogios que a população lhe tem dispensado.

O corpo de policia da nossa provincia de S. Tomé possui uma orientação modelar. Os prestantes serviços que ela desempenha patenteiam nitidamente as brilhantes qualidades dos seus dirigentes que, empenhan-



Exercícios de ginastica e juramento de bandeira, executados pelos recrutados do corpo de policia de S. Tomé.

(Clichés do distinto amador e illustre oficial do exercito sr. Costa Pina).

TENNIS



Na hora do chá

O concurso internacional de lawn-tennis da Primavera, organizado pela segunda vez pelo Club Internacional de Foot-ball nos courts das Laranjeiras, revestiu o brilho e despertou o interesse que caracterisaram o primeiro concurso. O elegantissimo sport tem excelentes cultores em Portugal e os campeões hes-

panhoes acodem sempre a jogar com eles, merecendo citar-se os srs. conde de Gomar, Eduardo Flaquer e Juan Rialp. De ano para ano, o entusias-



Na final da «mixed doubles»



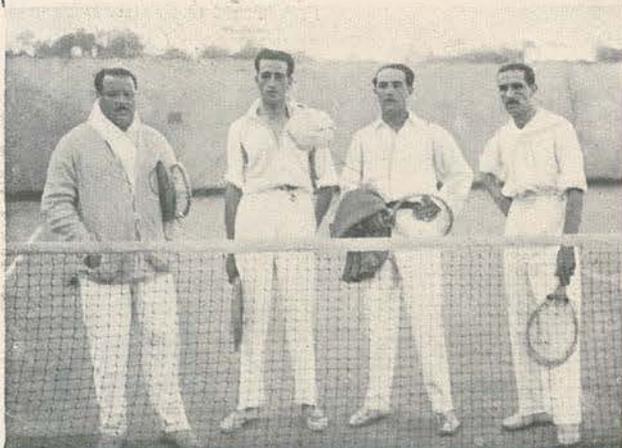
O sr. conde de Gomar

mo pelo tennis cresce, tanto da parte d s que jogam como dos que assistem, e d'ahi a avultadissima concorrencia de publico e tambem os progressos demonstrados pelos distinctos jogadores que, em conjunto, se apresentaram muito melhor. Os resultados de um treino inte-



1. Um trecho da assistencia

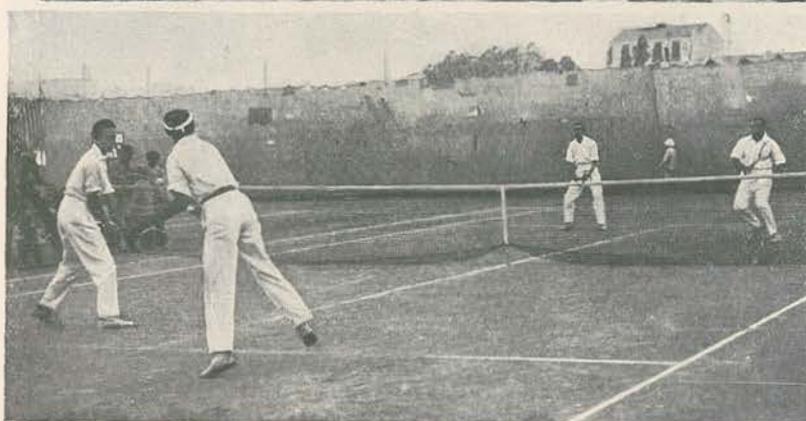
2. Os tennistas srs. Ricciardi, Flaquer, conde de Gomar e D. João Vila Franca.



ligente e persistente patentearam-se aos olhos dos menos conhecedores. Além de duas meninas de raras aptidões, Victoria Perestrela e Maria Belmonte, distinguiram-se no ultimo concurso pela sua destreza, pela sua resistencia e tambem pela sua arte D. João Vila Franca, o conde de Gomar, Eduardo Flaquer e A. Pinto Coelho.



No bufete



Mesdemoiselles Davidson Perestrello e Belmonte, distintas «tennistas» que obtiveram os primeiros premios.

Os premios aos vencedores for a m distribuidos pelo sr. presidente da Republica.



2. A final dos «mens doubles» jogada entre D. João Vila Franca e Ricciardi contra Flaquer e Gomar, que venceram.—3. Um aspeto da assistencia.

(Clichés Benotiel).

FIGURA E FACTO



Um professor distinto.—E bem distinto que foi o desditoso professor regente da escola central n.º 12, de Lisboa, sr. Antonio Teixeira dos Santos, falecido no dia 28 de Maio.

Foi um verdadeiro ornamento na classe do professorado pelo seu saber e competencia profissional, tendo sido a sua morte muito sentida pelos seus colegas e amigos e constituindo o seu funeral uma verdadeira demonstração de respeito e de saudade.



Sr. dr. Julião Serna Sarmento, novo juiz de investigação criminal da comarca de Lisboa.



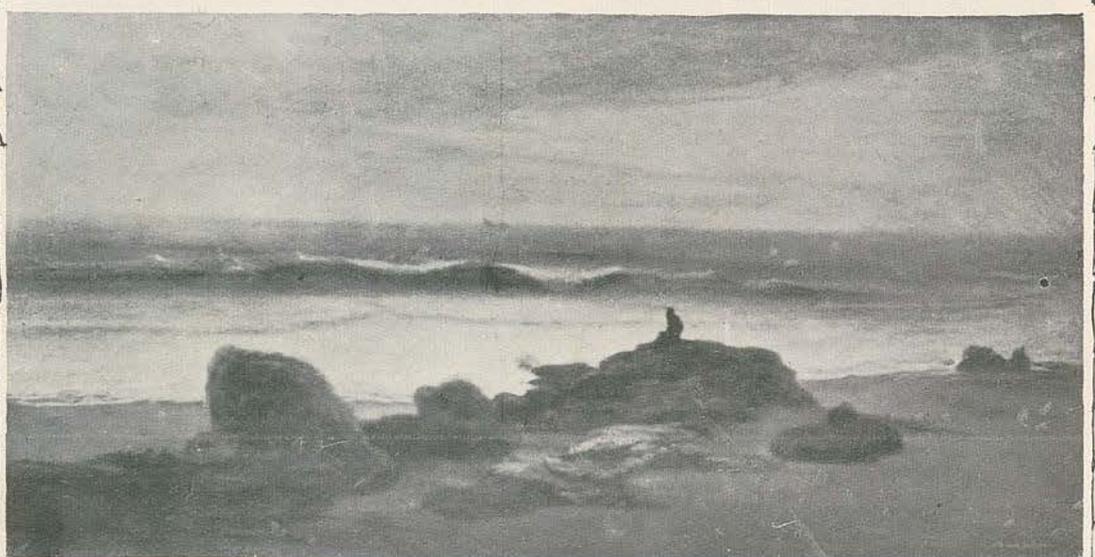
Sr. dr. Ludgero Augusto Madeira, antigo juiz de direito em Faro, recentemente falecido.

Novel pintor.—O sr. Albino Moreira da Cunha, residente no Porto, cursou o primeiro ano da Academia de Belas Artes no Porto, a qual abandonou por falta de recursos, limitando-se a estudar na escola de desenho Faria Guimarães, de que tem alcançado os primeiros premios em todos os anos.



Sr. Albino Moreira da Cunha.

Veiu a Lisboa pintar alguns trechos conhecidos para uma exposição que brevemente abrirá.



1. Organizadores da Exposição de trabalhos escolares e das conferencias pedagogicas em Setubal. Da esquerda para a direita, no primeiro plano: As sr.ªs D. Maria Amelia V. Cunha, professora em Quinta do Anjo, D. Mariana A. Carrega, professora em Setubal, e D. Maria das Dores Saquete, idem; srs. Fernando A. Palyari Pinto Ferreira, chefe da 1.ª repartição de instrução primaria e normal, e Gregorio Carvalho, II spetor do circulo; sr.ª D. Leonilda Costa, professora em Setubal, D. Maria Miranda, id.ªm, D. Maria Galamba, professora em Azetão. No segundo plano: Os srs. José Faustino Vidal, professor de Azetão, Manuel d'Oliveira e Silva, professor de Palmela, e Saturnino Neves, professor em Setubal; sr.ª D. Maria Costa, idem, D. Maria Pinto Ferreira, esposa do sr. Palyari, D. Maria do Patrocínio Guerra, professora em Setubal, e D. Maria A. B. Condé, professora em Palmela; srs. Julio L. L. Cardoso, professor em Setubal, e Lino Tomaz Piteira, idem; sr.ª D. Celeste Neves, idem, e D. Ernestina Santana, idem. 2. «A Onda», quadro incompleto, pintado pelo falecido artista e professor João Cristino da Silva, ha perto de 50 anos e agora em exposição no salão da «Ilustração Portuguesa».



Ultimo trabalho do sr. José Pereira, exposto na Sociedade Nacional de Belas Artes.



Busto de meu Pae», escultura do sr. Carlos de Sousa Pinto, em exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes.



A menina Luna Cardôna, precoce violinista, de 8 anos de idade, que tanto entusiasmo causou na audição das alunas de seu pae, o distinto professor de musica, sr. J. Cardôna, realisada no dia 1 do corrente.

ENTRE os trabalhos que constituem o «certamen» da

Sociedade Nacional de Belas Artes, os que aqui deixamos arquivados honram sobre maneira os distintos artistas que os firmam, merecendo tambem a homenagem que a *Ilustração Portuguesa*, agora lhes presta.



Sr. Antonio de Lemos, escritor de grande talento, autor de varios trabalhos de subido valor, entre os quaes, o *Teatro em verso*, recentemente publicado e que alcançou grande successo.



Sr. Jaime Esteves Lamosa, devotado amator de aviação, autor do livro *Aviação Infantil*, que obteve um exito muito lisonjeiro.

Portugal Pitoresco



Rio Febros—Moinhos

(«Cliché do sr. Armando Leça».)



Rio Febros—Uma ponte

(«Cliché do sr. Silvino de Carvalho».)



Rio Febros—Uma ponte

(«Cliché do sr. Raul Correia».)



Rio Febros—Um moinho.

(«Cliché da sr.^a D. Margarida Moreira».)

PORTUGAL, para qualquer canto que os nossos olhos se dirijam, mostra-nos os dotes com que a natureza o bafejou, pois esta tão linda terra contém maravilhas que em outras não é fácil encontrar. As suas paisagens são cheias de encanto e as suas belezas naturaes um eden!

O rio Febros que divide a freguezia de Avintes de Vilar d'Andorinho, no concelho de Gaya, é sobremaneira d'um pitoresco unico! As fotografias que acompanham estas linhas mostram á evidencia o quanto tem de belo em regionalismo este trecho do nosso Portugal.

As suas margens cheias de arvoredo, as penedias escalavradadas, os declives duros e no fundo os moinhos com as suas levadas, as moçoilas alegres com trajes garridos, e os velhos, de traços fisionomicos bem acentuados, no seu viver monotono, caracterisam perfeitamente esta bela região cantada pelos poetas e trasladada pelos artistas.

Maio, 1918.

*Haydée Mercedes do Ceu
Gama de Carvalho.*

A BANDA DA GUARDA REPUBLICANA

A banda da Guarda Republicana, de que é chefe o illustre maestro João Fernandes Fão, que ás suas grandes qualidades de artista junta também a de um autorizado crítico d'arte, goza de créditos superiores não só no paiz, mas em toda a

península. Composta de executantes, esculpulosamente escolhidos pelas suas aptidões e conhecimentos especiaes, em todos os logares que



A banda da Guarda Republicana durante o seu concerto aos sabados na parada do quartel. («Cliché» Benoitel).

toca, reune-se sempre o publico de todas as categorias, avido de a ouvir e aplaudir.

E a banda da Guarda Republicana não se impõe só pelo seu merito, indiscutivel a todos os respeito. impõe-se também pelo espirito patriotico e humanitario,

com que, sem o menor interesse, está sempre pronta a tomar parte nas festas, promovidas para fins altruistas e caritativos.



A banda da Guarda Republicana de Lisboa

(«Cliché» J. Fernandes).

THERMAS DE CANAVEZES

A 2 kilometros da estação da Livração (Linha do Douro)

Estancia
para tratamento,
descanço
e turismo.

EPOCA THERMAL:

1 de Junho
a 15 de Outubro



Vista geral das Caldas de Canavezes

As mais ricas da
Peninsula em ar-
senio e as unicas
aguas sulfurosas
arsenicadas do Paiz
para tratamento
das doencas da
pelle, bronchites,
pharyngites, larin-
gites, syphilis,
rheumatismo, got-
ta, etc.

Tratamentos completos
da syphilis.

Banhos de immersão e douche.



AS MAIS ARSENICADAS DA PENINSULA

Inhalações, pulverisações,
douches nazas,
irrigações e fricções.

Analises de urinas e de sangue.



Um trecho de Canavezes antigo (Romanico)

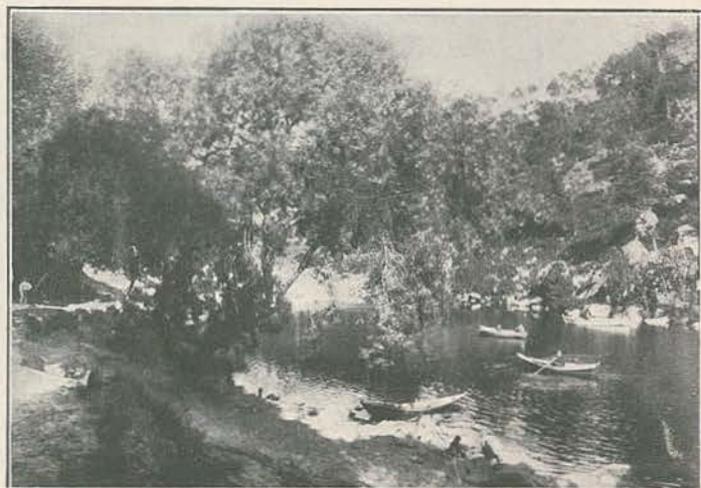


Ponte romana de Canavezes junto ás thermas de Canavezes

DIRECCÃO CLINICA
do Dr. Alberto Vasconcellos
Noronha Menezes

Carros á chegada
de todos os comboios
do Porto
na estação da Li-
vração.

Parque
e todos os edifi-
cios
illuminados
a luz electrica.



Um trecho do rio Tamega junto ás thermas de Canavezes

PARA IIFORMAÇÕES
NO PORTO:

Rua Santa Catha-
rina, 160

Rua Passos Ma-
noel, 166



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

Provas de amizade



- Mim ir mandar embaixador a vossemecê.
- Obrigado, mas prefiro carvão. Lá mandarei também um embaixador...
- Obrigada, mas mim preferir batatas. Oh! yes!



PALESTRA AMENA

Para a cêra

Não, senhores: não damos nada para a cêra de Santo Antonio, de S. João ou de S. Pedro. Primeiro, já o outro dizia, que os santos podem muito bem trabalhar de dia, dispensando a luz das velas, depois, o preço da cêra é tal atualmente que não acreditamos que o mais feliz garoto dos que para ela pedem possa vir a angariar o suficiente para comprar o minimo coto.

E podiamos ainda aduzir outras razões, para justificar o nosso retraimento. Se o diaheiro nos não chega nem para o pão nosso de cada dia—com uma família de cinco pessoas, imaginem!—como ha-de chegar para favorecer um santo a quem não devemos favores de qualidade nenhum? Estamos convencidos de que para com Santo Antonio, por exemplo, não estamos em dívida. Se a alguém devemos certa interferencia no nosso casamento não é a ele mas sim a uma criatura velha que nos levava as cartas á namorada. Quanto a S. João recorda-nos que em pequenos, ao saltar uma fogueira na noite que lhe é consagrada, quimamos os fundilhos d'uns caçõs, o que nos valeu uma duzia de bem puchados e não merecidos açoites. S. Pedro há-de abrir-nos as portas do céu? Ora adeus! Com a vida que levamos, se a menor paciência para suportarmos as injurias, praguejando a todo o instante contra a porca da vida, tratando o nosso semelhante como de modo algum desejaríamos que ele nos tratasse, viamos para o inferno tão certo como dois e dois serem quatro.

Deois, a gaiatada atrás de nós pela rua fora incomoda-nos, aborrece-nos, faz-nos mal aos nervos; e lá vem um puxão no casaco, um roçar de mãos sujas pelas calças, uma lamuria embirrenta e a lingua de fora se a esportula se demora, a sua pedrada se ela se recusa definitivamente.

De maneira, que não damos nada para a cera dos santos do mez, mas não condenamos a usança. E' portugueza e como tal merece conservar-se, pelo menos emquanto não aparecer coisa que com vantagem a substitua, visto que demolir apenas sem construir melhor é, pelo menos, inutil; e é tambem um modo de pedir sem confessar a fome que em geral ha nas casas dos pequenos que pedem para a cera. Não poucas vezes o giroto lamuriento recia uma lição da mãe que tem vergonha de que o filho peça dezreisinhos para matar a fome. Assim, é um eufemismo desculpavel o dizer-se que é para a cera d'um santo o que afinal é para encher o estomago d'um irmãozinho ou o proprio, e até muito mais desculpavel do que o fazer-se o contrario, isto é, o pedir-se dinheiro para matar a fome quando afinal é para a cera, como todos os dias acontece com pessoas graudas, que em vez de levar para casa

a subvenção a gastam nos touros, nos animatografos, na taberna...

E por aqui nos ficamos, porque já estamos a entrar por mau caminho.

J. Neutral.

A epidemia hespanhola

Os senhores devem estar lembrados da peste bubonica do Porto, que assustou todo o paiz, posto que os casos fatais fossem em pouco numero.

O susto, porém foi grand: como dizemos, os periodicos publicaram millhares de artigos a proposito—e na imprensa hespanhola appareceu então a seguinte quadra trocista:

*Es de las pestes bubónicas
La peor que se conoce:
De cada diez muere en doce
(Segun se cuenta en las cónicas).*



Tem graça não ha duvida, mas muito mais graça tem agora os nossos visinhos com a sua epidemia que, felizmente, ainda não matou ninguém mas que os traz cheios de medo: fecham-se escolas, immobilizam-se regimentos, adiam-se romarias, suspendem-se espectaculos, etc. logo que aponta uma dorsita de barriga, que passaria com um simples clister de agua morna.

*Não ha no mundo maleita
Mais tenivel e minaz,
Não pelas mortes que faz
Mas pelo cheiro que deita.*

DE FÓRA

Para os cravos

I

Era bom que as nossas bodas
Caisser no S. João;
Com as nossas cartas todas
Já se fazia um balão.

II

Meu amor pediu-me a graça
D'um cravo de côr escura
E eu mandei-lhe, por pirraça,
Um cravo de ferradura.

BRAMÃO DE ALMEIDA.

I

O cravo que te ofereço
Nem me custou um centavo,
Mas eu dava todo o preço
Para ser o pé do cravo.

II

Dei-te um cravo de luar
Logo ficou carmesim;
Não sei que tem o teu peito
Que ficam todos assim.

R. DE A.

Livros, Livrinhos e Livrecos

Castelos no ar, lendas e contos portuguezes, por D. Emilia de Sousa Costa.—Novamente traz esta senhora a publico uma obra de muito merito, destinada ás crianças, divertindo-as e instruindo-as ao mesmo tempo.

Recomenda-se por tudo e principalmente por ser portugueza, como a autora acentua, tendo adaptado alguns dos contos e lendas cosmopolitas ao nosso ambiente, de modo que a criança vá, pelas leituras, criando amor á nossa terra. Bem haja a sr.^a D. Emilia de Sousa Costa.

Está na ultima

A mais recente mania do kaiser é afirmar a toda a gente que não quer ir a Calais nem a Paris. De manhã entra o criado no quarto para o vestir; dispara-lhe logo esta:

—Olha que eu não quero ir a Calais nem a Paris!

De aí a bocado, um camarista:

—Vossa magestade quer ir almoçar?

—O que eu não quero é ir a Calais nem a Paris!

Começa o expediente. Grita para um official:

—Telegrafe imediatamente ao meu aliado da Austria dizendo que não quero ir a Calais nem a Paris.

Anunciam o ministro da Turquia e este não tem tempo de expôr ao que vai:

—Fique sabendo e diga ao sultão que eu não quero ir a Calais nem a Paris.

O kromprinz aproxima-se:

—Que me desejas?



«Olha que eu não quero ir a Calais nem a Paris.

A esposa tenta socega-lo:

—O' filho: vamos dar um passeio?

Ele, apopletico:

—Pois sim, mas não a Calais nem a Paris!

E assim, até á hora de recolher ao quarto, em que pergunta ao seu particular:

—O meu exercito já chegou a Calais?

—Não, meu senhor.

—E a Paris?

—Tambem não.

Então, mete-se na cama, e cabeceando com o sono, ainda balbucia, entre bocejos:

—Não quero... ir... a Calais... nem... a Paris!



AVES

Aventando a idéa de se criarem grandes galinheiros nos arredores de Lisboa, o nosso mano mais novo (O *Seculo*, edição noturna) revela que em 1916 só na Praça da Figueira entraram perto de 60:000 canastras contendo um milhão e seiscentas mil aves o que dá uma venda diaria de perto de 4:500 aves.

Já o leitor fica sabendo quan'o de aves come por dia; divida 4:500 por 500:000, que é o numero de habitantes de Lisboa, e concluirá que se lambe quotidianamente com uma pena de frango, pelo menos.

"Tiberio, filosofo e moralista"

O terrível cinico Albino Forjaz de Sampaio escandalizou novamente o burguez com um livro do titulo acima: Tiberio é advogado dos paradoxos mais arrojados, Tiberio demonstra que o pessimismo é excelente, que a carta anonima é um mimo, as feias bonitas, o roubo uma boa ação, a geografia uma treta, os amigos uma peste, etc.

E como, por tudo isto e muito mais, Tiberio, filosofo e moralista é uma raridade, não incluiremos a noticia da obra na nossa habitual secção bibliografica, pois que não é livro, nem livrinho, nem livreco: é uma excenricidade de que o leitor só pode fazer idéa pela transcrição, pelo que aí vai um trecho do *Elogio*, a paginas 23:

«E Tiberio, batendo-me no hombro amigavelmente, continuava:—Sim, meu caro amigo: o elogio, o bom, o autentico, deve ser feito pelo proprio. E' mais sentido, mais entusiastico, mais sincero. Ora suponha que eu escrevo um livro: quem mais competente e mais sabedor do que eu proprio? quem comprehende melhor as belezas da obra, como ela vibra, como ela ri ou se entenece?

Quem sabe melhor do que eu, o seu autor, vêr as ironias subtis, as imagens maravilhosas, as opulentas gamas do estio, o brilhantismo do entrecho, toda a fabrica soberba da concepção e da forma? Se eu penso que a obra é



boa e não o digo, sou um timido, um hipocrita. Se penso que o não é, porque a publiquei?

«Depois ainda se eu digo que ela é boa e é, estou dentro do ambito da critica justa. Se digo que ela é boa e não é, estou ainda dentro da equidade que faz com que, defendendo-a, seja a mim mesmo que defendo. V. publica

EM FOCO

O Fernandes, fotografo



Quem é que não conhece o nosso amigo O Fernandes, fotografo ao Lorae'o, O artista de mais nome e o mais faceto Já no tempo moderno já no antiigo?

Pois que é, mal comparado, como o trigo Sem parcela de joio nem graveito, Passa á posteridade n'um sonetto, De braço dado, a bem dizer, ccomigo.

Creiam que é muito propria a ccompanhia Porque ambos trabalhamos em retratos, Um aproveita a luz, outro a poesia.

E até como eu os faço caricatos De aleijada e torcida anatomia. Os meus são muitas vezes mais exatos...

BEILMIRO.

uma obra: dá a a um amigo para dizer de ela. Vai a ver e não fica satisfeito. Ou saiu um elogio desproporc'onado, humilde, salote, ou então vem cheio de passagens que v. desejaría nunca tivessem saído do tinteiro. E é sempre contundente o elogio feito pelos outros. Não tenha dividas. Diga v. bem de si proprio, que faz a sua obrigação. Os out'os dizem mal, tazem a de eles. De resto, se v. disser bem e os outros acharem bem, certo está.»

De primeirissima.

Entrevista com um burro

A suspensão dos comboios como consequencia da greve dos ferro-viarios, impoz-nos a obrigação de procurar quem fosse ente idador de velocidades e transportes, pelo que o nosso melhor reporter—the Manecas—se dirigiu a Cacicilha e aí entrevistou um dos gericos mais lucidos que fazem as carreiras intermitentes entre aquela povoação e as vizinhas.

Manecas montou-o, e, aproveitando a occasião para, ao mesmo tempo que cumpria a sua missão jornalística, ir espalhar em pas eio até á Cova da Piedade, foi-o interpellando pelo caminho.

—Então que me diz o sr. gerico a isto dos comboios estarem parados?

Sua ex.^a zurrou, mansamente:

—Digo que é muito bem feito, para abater o orgulho do homem. Para que demonio quer o homem andar depressa?

E' bôal para encurtar caminho.

—E' tolo. Você, seu Manecas, montado na minha albarda e ao meu chouto

compassado não vae admirando a paisagem?

—Isso vou.

—E se fosse de comboio? N'um minuto estava na Cova da Piedade. Tinha tempo para admirar o caminho?

—Não tinha, pense bem.

—E sobre mim tem os perigos d'um d'scarrilamento?

—Vossa ex.^a pode tropeçar e cair.

—Fica o meu amigo quieto com um simples galo; enquanto que: n'um descarrilamento...

Confessamos que o Manecas não teve que responder. Mas daí a minutos acrescentou:



—E os correios? de burro, uma carta de Lisboa para o Porto levaria um mez.

—E depois? de duas uma: tou a carta continha uma boa noticia ou uma noticia má. Sendo má, quanto mais tarde chegasse, melhor; sendo bôa,, mais alegraria pela demora, por já não ser esperada...

Não se limitou a isto o dialogo entre o nosso reporter e o sabio gerico, mas a falta de espaço não nos permíte reproduzir mais e o que aí fica é o sufficiente para mostrar que ha burutos que raciocinam melhor do que muuita gente.

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

25.^a Parte1.^o Episódio

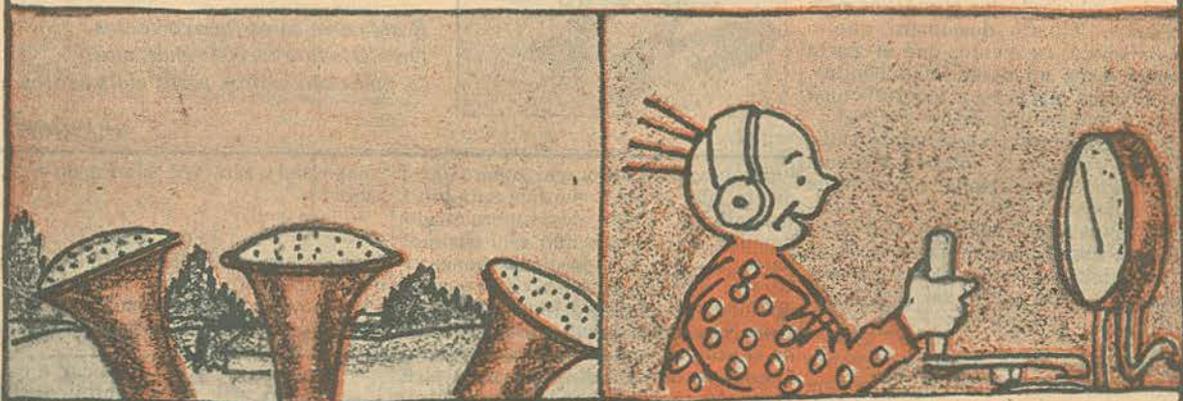
CHUMBADOS!

(Continuação).



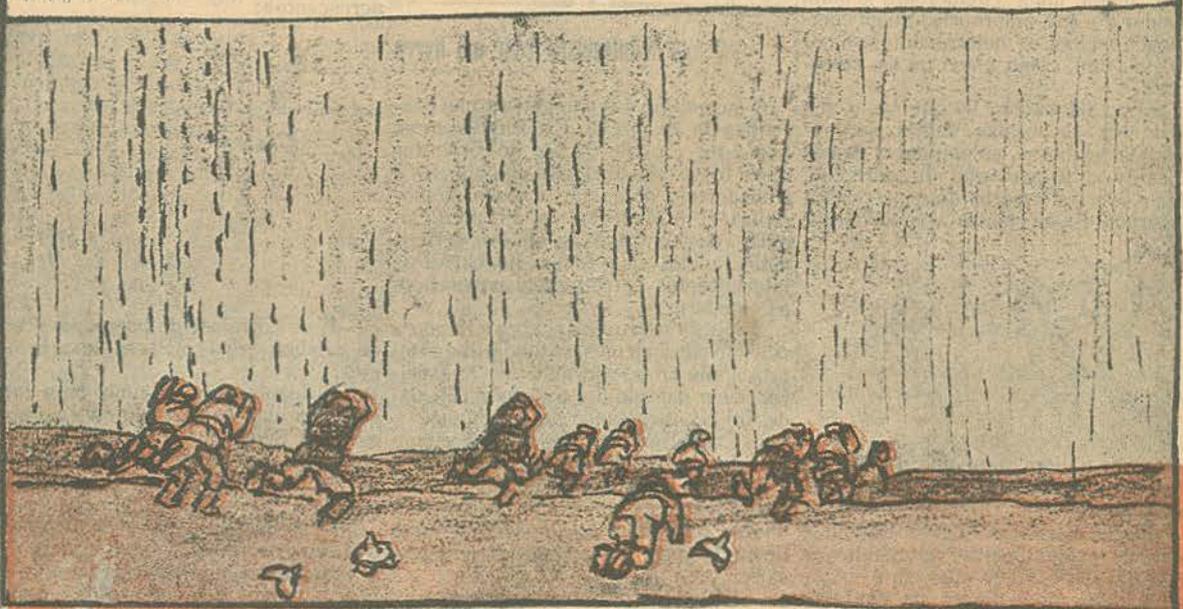
1.—Como a investida dos alemães continue, Manecas inventa a toda a pressa um aparelho para os fazer recuar.

2.—Apresenta o seu invento ao estado-maior inglês. É um aparelho contendo chumbo derretido a alta temperatura, o qual sob certa pressão é lançado ao ar.



3.—Eis o aparelho pronto a funcionar, com os seus crivos preparados.

4.—Os alemães avançam e Manecas dá a manivela com o maior sangue-frio.



5.—Logo um dilúvio de chumbo, a 250 graus, cae sobre os alemães. E aí está o motivo por que a ofensiva se deteve.

(Continua)